

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 1053

Data: 11/06/89 Pg.: _____

Longe da saudosa maloca dos xavantes

Cidade envelheceu Juruna que ainda quer ser deputado

BRASÍLIA — A cidade grande deu ao cacique Mário Juruna, aos 45 anos, os cabelos brancos que seus parentes xavantes só conhecem quando se aproximam dos cem anos de idade. Deu-lhe, também, pneumonia dupla, diabetes, estresse e excesso de peso, responsáveis por sua recente e dolorosa internação numa Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Apesar de tudo, Juruna diz que não volta para a sua saudosa maloca na reserva São Marcos, ao norte do Mato Grosso — de onde saiu há sete anos para ser o primeiro deputado-índio da história do Brasil —, antes de 1995. É quando termina o seu novo mandato de deputado federal que, ele garante, terá conquistado em novembro do ano que vem.

— Sempre fui político. Mesmo antes dos brancos me conhecerem —, avisa Juruna, ex-chefe de comunidade na sua aldeia, que se tornou nacionalmente conhecido ao eternizar as promessas dos brancos em um gravador, a fim de cobrá-las no futuro. Juruna não pensa em ressuscitar o gravador, que hoje descansa no Museu do Índio, em Campo Grande (MS). “Para quê? Para gastar fita à toa? Não vale a pena. Tá gravado, mas não resolve nada. Ninguém cumpre”, desabafa.

Hoje assessor da presidência da Funai, Juruna não esconde o seu desgosto com a cidade dos brancos e com os brancos em si. “São muito confusos, muito perturbados, só pensam em riqueza, em derrubar os outros”, analisa. A mesma sinceridade vale para a cidade. “Tenho vontade de ir embora, de voltar para minha aldeia. Só estou aqui porque quero disputar e ganhar a eleição de 90. Não gosto da cidade”, confessa.

Mágoa — As comodidades da terra dos brancos não seduzem o índio Mário Juruna. Nem mesmo

a maciez da cama que divide com sua segunda esposa, Doralice, mãe de dois de seus 11 filhos, numa casa no Guarã, cidade-satélite de Brasília. “Dormir no chão é muito mais seguro, você pode virar, mexer à vontade. Cama não, ou ela quebra, ou você cai”, explica.

Juruna diz que recusa terminantemente os prazeres da cidade. Não bebe “nem cerveja nem pinga”, não sai “pra sambar”, não vai ao cinema, nem à Água Mineral (área de lazer típica da classe média baixa brasiliense). “Não pode acostumar, vicia, é perigoso. Não faz parte da minha cultura”, explica ele, de bermuda, camisa de malha, sandálias, relógio, ca-

belo cortado à moda xavante e os dois pauzinhos atravessando as orelhas.

Até mesmo a televisão, cujo noticiário assiste por deveres do ofício, ele pensa em deixar de lado. “Tô enjoado, não tem novidade”, constata, desgostoso com o veículo que em parte é responsável pelos seus cabelos brancos. “Ficaram brancos de tanta preocupação. Aqui na cidade, eu tô sempre pensando, a cada minuto. Vejo problema do índio, da Funai, da favela, da fome”, reclama o xavante, confessando que se sente “muito preso” vivendo entre os brancos.

Todo o sacrifício só vale mesmo pela vontade de voltar à tribu-

na “para brigar pelo índio, que hoje tá sepultado, com madeira e mineradora dentro da sua terra”. Juruna não esconde uma ponta de mágoa por ter sido, como afirma, “a primeira voz de índio a se levantar” e hoje amargar o esquecimento, enquanto o cacique Raoni brilha na Europa, ao lado do roqueiro Sting. Mário Juruna, em 1980, teve que impedir mandado de segurança contra a Funai, para poder participar do 4º Tribunal Internacional sobre Direitos do Índio nas Américas, em Roterdã (Holanda). Não só ganhou a causa como acabou presidindo o Tribunal, num desagravo das nações indígenas diante da atitude do governo brasileiro.

Brasília — José Varella



Com os cabelos brancos, “de tanta preocupação”, Juruna até inveja Raoni